

Tiananmen Papers, Charter 08 e Liu Xiaobo: Meu ativismo por meio da tradução - com Perry Link



Perry Link sentado em seu jardim em Riverside, tirada por Liu He em 18 de março de 2024

É aquele dia novamente: 4 de junho. Todo ano, eu me pergunto: que coisas novas eu ainda poderia dizer sobre o dia 4 de junho, considerando tudo o que já foi publicado? Seria de se esperar que as ideias se esgotassem. No entanto, isso não acontece. A cada ano, a China traz um novo conjunto de acontecimentos sob os mesmos temas: espírito cívico, turbulência econômica, repressão estatal, a dissolução da esperança, a possibilidade de novos começos. Passados 36 anos, o dia 4 de junho continua sendo uma ocasião de imenso poder moral, um estímulo programado automaticamente (sim, como um estímulo de IA) em nossa consciência que força a reflexão, o ajuste de contas, a resiliência e a resolução.

Este ano, me perguntei sobre a jornada do movimento democrático após o dia 4 de junho, então me debrucei sobre minhas conversas de história oral e encontrei outro artigo do Prof. Perry Link. Ele é um [convidado recorrente](#) deste canal. Para lembrar: Perry Link é professor emérito de Estudos do Leste Asiático na Universidade de Princeton e professor ilustre de Literatura Comparada na Universidade da Califórnia, em Riverside. Sua pesquisa abrangeu várias áreas da literatura e do idioma chinês moderno, mas talvez ele seja mais conhecido por seu apoio à democracia e ao movimento de direitos humanos da China. Depois de Tiananmen, ele ajudou Fang Lizhi, um proeminente astrofísico e líder mais velho do movimento pró-democracia na China, a se tornar um dos maiores líderes do movimento.

movimento pró-democracia nos anos 80, a entrar na Embaixada dos EUA em Pequim. Perry também esteve envolvido em organizações de direitos humanos no exterior, como a Human Rights Watch, a Human Rights in China e a Chinese Human Rights Defenders, e traduz regularmente artigos de intelectuais chineses do exterior.

O trecho de hoje - que foi traduzido do chinês, bem como editado para maior brevidade e clareza - concentra-se na experiência de Perry como tradutor-chefe do movimento de democracia e direitos humanos no exterior. Ele traduziu os [The Tiananmen Papers](#) em 2001, a autobiografia de Fang Lizhi, [The Most Wanted Man in China](#), em 2013, e ajudou muitos escritores dissidentes chineses a publicar nos principais meios de comunicação ingleses. Em 2008, ele conheceu Liu Xiaobo e se tornou o tradutor para o inglês de [Charter 08](#). No ano passado, ele co-escreveu a biografia de Liu Xiaobo, [I Have No Enemies](#). Nesta ocasião de 4 de junho, visitamos a experiência de Perry no apoio ao movimento democrático por meio de seu trabalho literário e de tradução desde 1989.

Aproveite!

Leo

Para uma navegação rápida para as seções específicas:

- [Tornando-se o tradutor-chefe do movimento dissidente chinês](#)
- [Encontrando Liu Xiaobo por meio da Carta 08](#)
- [Transformando documentos contrabandeados em Tiananmen Papers](#)

Como se tornar o tradutor-chefe do movimento dissidente chinês

Você é mais conhecido por seu papel em ajudar o dissidente Fang Lizhi a se refugiar na embaixada americana após os protestos de Tiananmen, mas há

mais tempo que você presta atenção à questão da democracia na China. Como isso começou?

Meu interesse inicial na chamada cultura dissidente se deu principalmente por meio de obras literárias. O livro *Between Human and Demon*, de [Liu Binyan](#), e outros livros de reportagem me influenciaram muito. Naquela época, vivendo na China, eu já sentia que a vida cotidiana não era o socialismo ideal. A leitura dessas obras literárias reforçou esse sentimento.

Então, na década de 1980, percebi por meio da literatura que as pessoas haviam começado a criticar os métodos do Partido Comunista. Liu Binyan foi provavelmente a primeira pessoa que conheci que as pessoas chamavam de dissidente.

Há muito tempo você desempenha o papel de escritor e tradutor do movimento democrático chinês e de organizações de direitos humanos. Você traduziu o livro de memórias de Fang Lizhi de Fang Lizhi, *The Most Wanted Man in China*, e escreveu a biografia de Liu Xiaobo, *I Have No Enemies*.

E duas coleções dos escritos de Liu Binyan.

E você traduziu para [Wang Lixiong](#), outro famoso escritor dissidente. Quais são seus métodos e critérios para tradução?

Sem dúvida, eu faço escolhas. Depende principalmente se o texto da pessoa reflete ideais que compartilho, se expressa uma visão com a qual concordo. Já recusei pessoas que prefiro não citar. Algumas delas são bastante conhecidas. Eu as coordenava, mas havia coisas - histórias sobre seu comportamento - com as quais eu não me sentia confortável. Não estou dizendo que me oponho a eles. Houve uma pessoa muito conhecida que me pediu para traduzir sua autobiografia. O dinheiro não era um problema e a editora já estava preparada. Mas havia lacunas na história - lacunas cruciais, na minha opinião. Ele não queria preenchê-las, e eu mesmo sabia um pouco sobre esse passado, que ele não estava disposto a revelar. Portanto, ele estava se autocensurando em prol de sua própria imagem. Na verdade, não posso culpá-lo.

Eu não era muito próximo de Wang Lixiong, mas senti imediatamente um sentimento de amizade. Eu gostava dele. Sua redação era incisiva e muito bem escrita.

Outro caso também envolveu uma pessoa bastante famosa, que criticava Liu Xiaobo. Naquela época, eu estava muito interessado em Liu Xiaobo e tinha começado a escrever sua biografia. I

Discordei muito das críticas dessa pessoa a Liu Xiaobo e, por esse motivo, também recusei.

Quando Wang Lixiong o procurou para fazer um trabalho de tradução, como isso aconteceu?

Conheci Wang Lixiong em um seminário organizado por Xiao Qiang no final da década de 1990. Eu gostava muito de Wang Lixiong. Também tinha lido a poesia de sua esposa [Tsering Woesser](#) e admirava imensamente seu espírito independente. Ele havia escrito um ensaio sobre o retorno dele e de Tsering Woesser ao Tibete. Era uma história sobre ser investigado.

***My West China, Your East Turkestan*, seu livro mais famoso.**

Certo, embora esse fosse um pequeno ensaio que ele queria publicar em um jornal americano. Eu o traduzi, e o *The Wall Street Journal* o publicou. Eu não era muito próximo de Wang Lixiong, mas imediatamente senti uma sensação de amizade. Eu gostava dele. Seu ensaio era incisivo, muito bem escrito. Era curto, mas abordava com precisão uma questão fundamental. Esse é o tipo de artigo que gosto de traduzir.

Também traduzi para [Hu Ping](#). Na verdade, o último artigo de opinião que traduzi foi o dele (nota do editor: isso foi em março de 2024). Ele me enviou um artigo muito longo, pedindo que eu o compartilhasse com Matt Pottinger. O tópico era como o governo chinês e o governo de Taiwan, apesar de não terem relações diplomáticas formais, ainda conduzem interações extensas. A RPC criou órgãos legalmente civis que, na realidade, lidam com negócios entre governos. Ele listou vários exemplos. Seu argumento foi: Veja, ao longo dos anos, o PCC tem tratado o governo de Taiwan como um governo real na prática, embora se recuse a reconhecê-lo formalmente.

Ele deu muitos exemplos. Achei o argumento excelente, muito interessante. O argumento de Hu

O argumento de Ping foi: se você eliminar as formalidades, o PCC não tem nenhum obstáculo real para reconhecer o governo de Taiwan. Eles já estão trabalhando juntos. Mas o artigo ficou muito longo. Gosto muito de Hu Ping, mas disse a ele que o artigo era impreciso e prolixo. Então, eu o reduzi bastante e o tornei conciso.

O *Wall Street Journal* acabou publicando o artigo. Às vezes, faço trabalhos editoriais, não apenas de tradução. Por exemplo, editei a coletânea em inglês de 2013 dos ensaios de Liu Xiaobo, publicada pela Harvard. Alguns ensaios eram repetitivos, então eu os encurtei e melhorei.

Então você não é apenas um tradutor, mas também um editor.

Sim, eu definitivamente tenho padrões editoriais. Se algo não atender a esses

padrões, ajudarei a melhorá-lo. Certa vez, [Ai Weiwei](#) me enviou um artigo - o *New York Times* já o havia aceitado em princípio. Ele não tinha estrutura. Se você o traduzisse diretamente, o *New York Times* não o teria aceitado. Então, eu o reorganizei e repensei, enviei-o de volta para ele - e foi aceito.

Encontrando Liu Xiaobo por meio da Charter 08

Você também participou do [Charter 08](#), um manifesto organizado por Liu Xiaobo que criticava o governo do Partido Comunista.

Eu fiz a tradução para o inglês, mas isso foi no último momento.

Na verdade, Liu Xiaobo não era a favor do manifesto no início. A iniciativa foi iniciada por Zhang Zuhua e Wen Kejian, um pseudônimo. Havia cerca de uma dúzia de pessoas em Pequim que elaboraram esse plano. Eles o dividiram em seções sobre política, economia, meio ambiente e educação - um projeto abrangente para o futuro da China. Mais de trinta pessoas contribuíram.

Após o massacre, os líderes que poderiam ter cooperado desapareceram. Portanto, a mudança de cima para baixo não era mais possível. Quando surgiu a Carta 08, Liu achou que era um retorno a um método que já havia fracassado, por isso não aderiu inicialmente.

Liu Xiaobo não o apoiou porque já havia decidido por uma abordagem de baixo para cima. Na década de 1980, desde quando Wei Jingsheng escreveu "The Fifth Modernization" (A Quinta Modernização), ecoando as ideias de Deng Xiaoping, até o movimento estudantil, as pessoas pediam diálogo, esperando que líderes com mentalidade reformista como Hu Yaobang, Zhao Ziyang, Tian Jiyun e outros pudessem trazer mudanças de cima para baixo.

Após o massacre, os líderes que poderiam ter cooperado desapareceram. Portanto, a mudança de cima para baixo não era mais possível. Quando surgiu a Carta 08, Liu pensou que era um retorno a um método que já havia fracassado, por isso não aderiu inicialmente. No final de setembro, Liu Xiaobo concordou em participar, principalmente porque Ding Zilin o persuadiu.

Xiaobo admirava muito Ding Zilin. Desde que seu filho foi morto, ela organizou as [Mães de Tiananmen](#). Pode-se dizer que ele quase a reverenciava. Ela lhe disse: "Há alguns problemas com a Carta 08 que você poderia ajudar a resolver" - dois problemas principais. Primeiro, ela tinha muitos colaboradores e parecia desarticulada em termos de tom e estilo - ela pediu que ele a editasse e unificasse.

Em segundo lugar, Ding disse a ele: "Você tem conexões em diferentes setores da sociedade. Seu ativismo cívico o colocou em contato com agricultores, trabalhadores e todos os tipos de pessoas. Use sua rede para divulgar a Carta 08 e coletar assinaturas. Não queremos apenas os intelectuais de sempre - queremos signatários de todas as esferas da vida. Você pode ajudar com isso". Depois de refletir sobre o assunto, ele concordou. Embora não tenha redigido a carta, ele a editou bastante e trabalhou duro para conseguir assinaturas.

Indicação de um amigo

Naquela mesma noite, a polícia foi até a casa de Xiaobo e o levou embora. Ele nunca mais voltou.

Depois de editado e finalizado, Li Xiaorong, diretora do [China Rights Forum](#), enviou-me o rascunho. Ela perguntou: "O que você acha disso? Esperamos que você o traduza". Eu tinha acabado de chegar à Universidade da Califórnia em Riverside, coloquei o livro em meu computador, mas não prestei muita atenção - estava ocupado me adaptando, começando as aulas e lecionando. Então, Xiaorong enviou um e-mail novamente, perguntando se eu aceitaria ou não a tradução - caso contrário, eles encontrariam outra pessoa.

Então comecei a ler e imediatamente percebi que se tratava de algo muito significativo. Eu sabia que tinha que traduzi-lo com seriedade. Traduzi capítulo por capítulo e enviei de volta para eles. Mas então surgiu um problema. Xiaobo coletou assinaturas de mais de 300 pessoas de vários setores. Mas então começaram a chegar as revisões - algumas feitas por ele mesmo, outras sugeridas pelos signatários.

Todos tinham sua própria opinião.

Sim, e foram feitas alterações. Do meu ponto de vista, isso era perigoso. Mais de 300 pessoas já haviam assinado. Agora você está fazendo edições sem consultá-las. Então, fiz algumas pequenas alterações. Essa foi uma das poucas vezes em que falei com ele por telefone.

Nós nos coordenamos: "Acrescente aqui", "Corte ali". Mas quando se tornou demais, levantei minha preocupação: "As pessoas sabem que você está mudando as coisas?"

Por fim, eu disse: "Tudo bem, não farei mais nenhuma alteração". A versão em inglês estava pronta, e a versão em chinês tinha um caminho a seguir. Se você comparar o inglês e o chinês agora, verá algumas diferenças, principalmente porque as edições posteriores no chinês não foram refletidas no inglês.

O plano era publicá-lo em 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos

Humanos. Mas no início de dezembro, Zhang Zuhua, Wen Kejian e Liu Junning foram para a Alemanha e estavam voltando. Depois de decidir o que fazer no avião, eles aterrissaram e anunciaram o plano. Xiaobo se opôs porque não foi consultado.

Enquanto ele estava detido, seus advogados podiam visitá-lo ocasionalmente. Em uma das visitas, Xiaobo disse: "Se as autoridades quiserem pedir contas, basta dizer que fui eu". Ele já havia sido preso, então disse: "Eu assumo a culpa", esperando que outros enfrentassem consequências mais leves.

Por volta dessa época, as autoridades perceberam que a Carta 08 estava chegando. Nos dias 6 e 7 de dezembro, havia uma forte presença policial do lado de fora das casas de Zhang Zuhua e Liu Xiaobo - policiais à paisana, uniformizados, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Havia a sensação de uma tempestade se formando, uma repressão iminente. O medo era que eles pudessem dizer: "Você não pode liberar isso".

Se eles proibissem a publicação antes do dia 10 e nós continuássemos publicando, isso seria claramente um desafio. Assim, eles decidiram lançá-lo mais cedo, em 8 de dezembro, antes de qualquer ordem rígida. Minha versão em inglês foi publicada na *New York Review of Books* na mesma época. Mas naquela mesma noite, a polícia foi até a casa de Xiaobo e o levou. Ele nunca mais voltou.

Enquanto estava detido, seus advogados podiam visitá-lo ocasionalmente. Em uma das visitas, Xiaobo disse: "Se as autoridades quiserem pedir contas, basta dizer que fui eu". Ele já havia sido preso, então disse: "Eu assumo a culpa", esperando que outros enfrentassem consequências mais leves.

Eles achavam que se cortassem a cabeça, seria mais fácil lidar com o resto. Todos os que assinaram a Carta 08 foram "convidados para o chá" pelas autoridades em dezembro e janeiro.

Zhang Zuhua foi detido, mas liberado após cerca de três dias. Alguns especularam que isso ocorreu porque Zhang tinha conexões - ele e Hu Jintao eram colegas de classe ou amigos, talvez isso tenha lhe dado alguma proteção.

Alguns dos amigos de Xiaobo, inclusive Cui Weiping - que eu conheço melhor - acharam que foi injusto. Xiaobo pegou onze anos, enquanto Zhang Zuhua pegou apenas três dias. Pessoalmente, encontrei Zhang e o conheço um pouco. Não acho que ele tenha deliberadamente mudado a culpa para se proteger. Mas, do ponto de vista das autoridades, Liu Xiaobo era a figura principal.

Liu Xiaobo era simplesmente muito conhecido.

Muito conhecido. Eles achavam que se cortassem a cabeça, seria mais fácil lidar

com o resto. Todos os que assinaram a Carta 08 foram "convidados para o chá" pelas autoridades em dezembro e janeiro.

Essa foi a primeira onda de signatários. Havia mais de mil no total.

Sim, no final eram mais de dez mil. O lançamento público inicial teve 303, para ser exato. Em seguida, ele foi para a Internet e se espalhou. Ficou difícil saber quem assinou - eles estavam dentro da China ou no exterior? Alguns nomes eram falsos? Mas o número de pessoas que simpatizavam com a Carta 08 era definitivamente muito maior do que os 303.

Transformando documentos contrabandeados em Tiananmen Papers

Além da Charter 08, uma das obras mais famosas que você traduziu - talvez a mais famosa - é *The Tiananmen Papers*. Poderia nos contar sobre seus antecedentes e consequências?

The Tiananmen Papers surgiu porque meu amigo Andy Nathan me ligou. Ele disse que alguém de dentro da China havia chegado com um grande lote de documentos relacionados à condução dos protestos de Tiananmen, desde as autoridades centrais até o nível provincial.

Eles planejavam uma edição em chinês. A ideia de Andy era que eu trabalhasse com ele para compilá-los em uma coleção em inglês. Eu concordei. Eu conhecia [Andy Nathan](#) desde a época em que éramos estudantes e, em questões como a democracia na China, estávamos de acordo. Assim, em Nova York, também conheci Zhang Liang, o funcionário chinês que trouxe os documentos.

Esse é um pseudônimo, certo?

Sim, um pseudônimo.

Sua identidade real ainda não foi divulgada?

Não. Eu sei quem ele é, mas prometi não revelá-la. Na verdade, nosso contrato de publicação incluía uma cláusula dizendo que não poderíamos revelar seu nome verdadeiro.

Eu gostava dele. Ele era meticuloso com os documentos. Algumas pessoas duvidavam que eles tivessem sido fabricados. Mas eu nunca acreditei nisso. Zhang Liang não estava nem um pouco nervoso. Ele conseguia pular de um documento para outro, respondia às perguntas com fluidez e nunca dava a impressão de que alguém estava escondendo algo.

Acredito que esses documentos eram, ou pelo menos em sua maioria, autênticos.

Walter Scott disse certa vez: "Oh, que teia emaranhada tecemos quando primeiro praticamos enganar". Palavras muito inteligentes. A questão é que, quando você começa a mentir, precisa se lembrar de todas as mentiras que contou antes e mantê-las consistentes. Nunca tive essa sensação com Zhang Liang. Nunca.

Acredito que esses documentos eram, ou pelo menos em sua maioria, autênticos. Digo "em sua maioria" porque alguns deles - conversas entre Yang Shangkun e outra pessoa - ocorreram em carros ou por telefone e foram reconstruídos a partir de anotações ou memórias. Portanto, é difícil dizer se elas são precisas, palavra por palavra. Alguns documentos se enquadram nessa categoria. Mas, em sua maioria, não duvido de sua autenticidade.

Andy e eu colaboramos. Não fizemos todo o trabalho de tradução nós mesmos. Contratamos várias pessoas para traduzir diferentes partes. Meu trabalho era revisar as traduções, editar, corrigir erros e suavizar o tom para que o estilo não variasse muito de uma peça para outra. Esse era o meu trabalho principal: edição de linha.

A contribuição fundamental de Andy foi a seguinte: os documentos originais eram apenas uma pilha, os narradores entravam e saíam, depois um documento, depois um narrador novamente, tudo sem limites claros. Andy passou muito tempo analisando cuidadosamente as coisas com Zhang Liang, perguntando: "Onde esse documento começa? Onde ele termina? Esta parte é o narrador, esta parte é o documento". O texto original em chinês não tinha essas distinções, mas Andy as esclareceu.

Antes de cada seção, ele escreveu uma breve nota do editor: "O que se segue é um registro de uma reunião realizada em tal e tal lugar com os seguintes participantes". Andy também escreveu a introdução do livro, explicando o contexto.

Quando leu pela primeira vez os *The Tiananmen Papers*, qual foi sua reação pessoal?

Achei o livro detalhado. Havia muita coisa nele que poderia ser usada para analisar o evento e a sociedade chinesa. Fiquei desapontado com a reação dos estrangeiros. A principal pergunta que todos faziam era: Os documentos são autênticos? Mesmo que algumas partes não sejam totalmente autênticas, a maior parte é. E pode ser usado como material de pesquisa para obter uma análise significativa.

Por exemplo, quando o exército recebeu a ordem de limpar a praça, eles receberam metralhadoras. E, ao mesmo tempo, Deng Xiaoping disse: "Não

derrame sangue".

Ele estava disposto a reprimir, acredito, porque queria enviar um aviso para outras partes da China e para as gerações futuras: Não façam isso.

Essa contradição eu também vi nos controles literários. Em 1979, eles disseram aos escritores: Liberem suas mentes. Não tenham medo. Mas, ao mesmo tempo: Não se esqueçam dos Quatro Princípios Fundamentais: Marxismo, liderança do partido, ditadura do proletariado e maoísmo. Como escritor chinês, qual instrução devo seguir? É contraditório.

Houve uma profunda desilusão com o Partido Comunista. Na década de 1980, havia a esperança de que reformas graduais aproximassem a China do Ocidente e a tornassem mais alinhada às normas democráticas. Mas o massacre destruiu essas esperanças. E essa desilusão se aprofundou durante a década de 1990.

O mesmo aconteceu com os soldados de Deng. Eles tiveram que lidar com ordens contraditórias.

Isso também é perigoso. Essas contradições, esses padrões - em um registro tão rico, é possível encontrar muitas pistas para estudar a sociedade chinesa. Esse é o valor que vejo nele.

Como entender esse fenômeno na política chinesa - por um lado, "reforma e abertura" e, por outro, "defender os Quatro Princípios Fundamentais"; por um lado, limpar a praça e, por outro, "não derramar sangue". Essas exigências impossíveis e contraditórias, como você entende isso?

Trata-se de transferir a responsabilidade para os outros. Se você é Deng Xiaoping dizendo aos soldados o que fazer, ou dizendo aos escritores o que fazer, quando erros são cometidos, a culpa é sua, não minha. Deng fez o mesmo com Hu Yaobang e Zhao Ziyang, seus dois principais assistentes nos anos 80. Ele queria reforma, abertura. Mas isso trazia riscos. Se ele desse o passo errado, sua própria posição não estaria segura. Os rivais poderiam atacá-lo. Assim, ele colocou Hu e Zhao na frente para assumir a liderança. Ele ficou em segundo plano. "Vá em frente, você lidera." Se eles batessem em uma parede, eles pagariam o preço, não ele. Acho que essa mentalidade era bastante comum. O Partido Comunista - especialmente Deng - era muito bom nisso.

Quando os Documentos de Tiananmen foram publicados, tiveram um impacto enorme. Causou um grande alvoroço. Como foi isso na época?

Naquela época, todos os principais jornais publicaram histórias - o *Washington Post*, o *New York Times* e outros. Fui convidado para falar em Princeton sobre *The Tiananmen Papers*, mas a sala era muito pequena. Tiveram que transferi-lo para um salão muito maior, que ficou lotado com centenas de pessoas. A reação

do público foi muito entusiasmada. Quanto ao governo dos EUA ou a outros governos ocidentais, é mais difícil dizer.

Por que isso acontece? Você acha que os funcionários do governo não prestaram atenção?

Acho que sim, não há dúvida de que prestaram atenção. Mas é difícil saber se o livro fez alguma diferença na política ou mudou a abordagem deles.

Por que você acha que o livro causou tanto alvoroço na época? Muitas pessoas prestaram atenção, todos os principais jornais cobriram o assunto.

Isso foi dez ou onze anos após os protestos de Tiananmen. A memória do massacre ainda estava viva na mente de muitos ocidentais. E, é claro, havia uma profunda desilusão com o Partido Comunista. Na década de 1980, havia a esperança de que reformas graduais aproximassem a China do Ocidente e a tornassem mais alinhada às normas democráticas. Mas o massacre destruiu essas esperanças. E essa desilusão se aprofundou durante a década de 1990. Na época em que o livro foi publicado, as pessoas ainda perguntavam: Como isso aconteceu? Elas estavam muito interessadas.

Na sua opinião, agora olhando para trás, como você explicaria por que aconteceu o 4 de junho?

Por que o massacre? Minha opinião é a seguinte: Deng Xiaoping estava cercado de anciãos cujas opiniões eram diferentes. Alguns anciãos queriam se reconciliar com os estudantes. Outros queriam reprimir - pessoas como Wang Zhen. Deng tomou a decisão final, não há dúvida sobre isso. E ele estava disposto a reprimir, acredito, porque queria enviar um aviso para outras partes da China e para as gerações futuras: Não façam isso.

O massacre instilou o medo nacional, e funcionou. A década de 1990 foi moderada. Mesmo agora, a política chinesa está amortecida, e acho que isso se deve ao massacre. Ele teve um impacto que atravessou o tempo e o lugar.

Costumo dizer que Deng queria reprimir. Ele também havia reprimido em Tiananmen em abril de 1976. Naquela época, eles usaram bastões de madeira e espancaram algumas pessoas. Talvez algumas tenham sido mortas, talvez não, mas não houve massacre. E eles ainda conseguiram esvaziar a praça. Dessa vez, eles usaram metralhadoras e tanques, não apenas paus ou canhões de água.

Acredito que Deng poderia ter liberado a praça sem um massacre. Mas ele decidiu que o massacre valia a pena. Acho que ele calculou que isso enviaria

uma mensagem assustadora. Essa é a minha opinião. Não posso provar isso. Não tenho acesso a informações privilegiadas sobre o pensamento de Deng. Mas, visto de fora, acho que é bem provável que fosse isso que ele tinha em mente.

Leituras recomendadas

Liu Binyan, 1983, *People or Monsters?*, Indiana University Press

Zhang Liang, Andrew J. Nathan e Perry Link, 2002, *The Tiananmen Papers*,

PublicAffairs Wang Lixiong, 2007, *My West China, Your East Turkestan* Liu

Xiaobo, 2013, *No Enemies, No Hatred*, Belknap Press

Fang Lizhi, 2016, *The Most Wanted Man in China*, Henry Hold and Co. Perry Link

e Wu Dazhi, 2024, *I Have No Enemies*, Columbia University Press

Sobre nós

O podcast e o boletim informativo do Peking Hotel são publicações digitais nas quais Liu He entrevista especialistas da China sobre suas experiências e observações em primeira mão de décadas passadas. O projeto surgiu da pesquisa de Liu na Hoover Institution, coletando a história oral de especialistas em China que vivem nos EUA. Suas histórias são um lembrete do que a China costumava ser e do que ela é capaz de se tornar.

Também temos um [Substack em chinês](#). Esperamos publicar mais conversas como esta, portanto, fique atento!